

Promotoria quer criar centro de reeducação para menor infrator

Eduardo Bustamante apresentou projeto à Câmara dos Vereadores de Poços

Tatiana Espósito

tatiana.esposito@gmail.com

“Tio, você não tem uma moeda aí pra me dar?” Quem mora em Poços de Caldas, ou está apenas visitando a cidade, com certeza já ouviu esse tipo de frase na porta de uma padaria, um restaurante ou pelas praças. A cena vem se tornando comum.

Pedir dinheiro não é o único problema que envolve garotos que vivem ou passam grande parte do dia nas ruas. O coordenador do Conselho Tutelar de Poços de Caldas, Fábio Terra Gomes, afirma que a vida na rua gera necessidade de mendicância, porque os meninos precisam comer, mas também está ligada ao consumo de drogas e à prostituição.

Crimes envolvendo crianças e adolescentes é outro assunto que preocupa. Um caso recente que chocou os moradores da cidade foi a invasão da lanchonete McDonald's, em dezembro do ano passado, onde assaltantes mantiveram seis reféns por 15 horas dentro do estabelecimento. Dois dos envolvidos eram menores e ficaram presos 45 dias na cadeia pública, junto com adultos. Depois foram soltos.

“Eles não podem ficar presos na cadeia pública. Isso o Estatuto da Criança e do Adolescente não permite, porque o tratamento

aos adolescentes, mesmo aqueles que cometem crimes hediondos, é diferenciado”, explica o promotor da Vara da Infância e Juventude, Eduardo Bustamante.

O promotor defende a criação de um centro de reeducação de menores em Poços de Caldas. Nesse local, os adolescentes infratores podem receber apoio e ser novamente inseridos na sociedade. Projeto com este objetivo foi apresentado pela Promotoria à Câmara dos Vereadores, no ano passado. “Fomos até à Câmara e expusemos o projeto, nossas idéias, nossas angústias. A criminalidade entre adolescentes está crescendo. Se ninguém tomar providência com relação à reeducação desses menores, a tendência é piorar”, afirma Bustamante.

A criação do centro para menores depende de aprovação da Câmara e do prefeito da cidade. “Nós precisamos de verba do Estado e isso o Ministério Público está buscando. A liberação da verba leva um certo tempo, porque depende do orçamento do Estado. Começamos a correr atrás há pouco tempo”, disse o vice-prefeito Paulo César Silva.

Segundo o Ministério Público, o projeto está encaminhado, mas falta o prefeito indicar um terreno para a construção do prédio. “O prefeito [Sebastião Navarro] se comprometeu a sair com o promotor para ver algumas áreas, justamente com esse intuito. Mas, de antemão, pediu que fosse criada uma comissão envolvendo o Poder Executivo, Legislativo, Comissariado

de Menores e Secretaria de Assistência Social, para que possamos discutir o assunto juntos”, acrescentou o vice.

Enquanto o centro de reeducação não sai do papel, a prefeitura cogita a construção de uma “casa de passagem”, proposta pela Polícia Militar. Nesse local, crianças e adolescentes que vivem nas ruas seriam atendidos por educadores e profissionais de saúde, e receberiam alimentação e cuidados com higiene pessoal. A idéia é envolver as secretarias de Educação, Esportes e Saúde, Conselho Tutelar e Promotoria. “A meta é atender 35 crianças e adolescentes por mês”, informou Paulo César.



Divulgação

Paulo César: Prefeitura quer construir 'casa de passagem'



Tatiana Espósito

Eduardo Bustamante: 'Fomos até à Câmara e expusemos nossas angústias'



Para todos

As cidades do interior estão cheias de histórias e personagens que a imprensa ainda está por descobrir. Abrir espaço para narrativas que revelem pessoas e acontecimentos é uma das mais nobres missões do jornalismo regional, quando este se dispõe a contribuir para a preservação das identidades culturais. Por essa razão é que nós, estudantes do 3º ano de jornalismo do Unifae, estamos felizes com a oportunidade que temos para expor, nas páginas do Entrelinhas, fragmentos deste rico universo constituído pelas cidades da região e seus habitantes.

Em 2008, esperamos que este jornal laboratório se consolide como um canal de comunicação do curso com a comunidade regional, especialmente porque, a partir desta edição, estará disponível também na internet (http://www.fae.br/cur_jornalismo/entrelinhas.html).

É a mídia regional ao alcance de todos.

UNIFAE

Centro Universitário das Fac. Ass. de Ensino - FAE

Reitor: Valdemir Samonetto

Vice-reitor: Luiz Antônio de Souza

Coordenação de Comunicação Social

Jornalismo: Camilo Barbosa

Publicidade: Gleber Paula

Endereço: Largo Engenheiro Paulo de Almeida
Sandeville, 15 - CEP: 13.870-377
São João da Boa Vista - SP
Fone: (19) 3623-3022

ENTRELINHAS

Jornal Laboratório do curso de Jornalismo do UNIFAE

Professora editora:

Socorro Veloso (Mtb. 026708)

Planejamento gráfico:

Profa. Ana Paula Malheiros Romeiro (Mtb. 49862)

Reportagem e edição:

Ariane Andreasi

Atalissa Rosa

Carolina Aguiar

Cláudia Martins

Izildinha Campos

João Araújo

Jonathan Rosa

Nayara Vasconcelos

Tatiana Espósito

Tiragem: 2.000 exemplares

Impressão: Jornal Mantiqueira

Circulação: São João da Boa Vista e região

E-mail: entrelinhasfae@uol.com.br

Freud vai à barbearia

Barbeiro descobre talento para ajudar pessoas e se torna psicólogo

Izildinha Campos

izildinhajor@yahoo.com.br

Morador de São José do Rio Pardo, Fábio Calsoni é barbeiro há 24 anos. Ele começou na profissão aos 16 anos de idade, incentivado pelo pai, também barbeiro. Fábio resolveu assumir a tarefa para custear os estudos. Sempre gostou de ler e escrever, e decidiu cursar direito, que era, então, uma das poucas opções de curso superior na região.

Formou-se em 2006, na Feob, em São João da Boa Vista, mas em pouco tempo percebeu que não tinha vocação para o ramo. Depois de advogar por um ano e meio, decidiu abandonar a profissão. Ele conta que preferiu ficar apenas com a barbearia, um ambiente agradável, onde podia se relacionar com um grande número de clientes. Através desse contato diário, percebeu que tinha vocação para ajudar as pessoas. Por essa razão, decidiu cursar psicologia.

Formado há pouco mais de um ano, ele já atua na profissão. Montou um consultório no centro de Rio Pardo e atende com hora marcada. Fábio optou para seguir a corrente psicanalítica, que visa descobrir o objeto dos problemas do paciente pelo exame de seu passado.

"Ainda não tem como eu ficar só com o consultório", diz Fábio, que continua trabalhando na barbearia. O psicólogo-barbeiro elogia a clientela do salão e afirma que a profissão herdada do pai não está extinta: "Tem sempre alguém que quer fazer a barba ou um corte clássico".

Fábio acredita que as duas profissões estão bem próximas, porque em ambas é possível cuidar de pessoas. Mas ressalva: "O psicólogo tem uma formação específica para o contato com os pacientes, trabalhando outros campos da mente". Não é o caso do barbeiro, que muitas vezes possui sensibilidade para ouvir os clientes, mas nem sempre terá condições de orientá-los. Segundo Fábio, o movimento no salão aumentou desde que passou a atuar como psicólogo. "Muitos clientes cortam o cabelo a cada 12 dias, e às vezes não têm nem o que fazer. Querem mesmo é falar de psicologia", conta.

O psicólogo procura separar o consultório da barbearia, mas sem deixar de responder às dúvidas dos clientes. Para Fábio, o importante é mostrar às pessoas que um barbeiro pode ter conhecimentos e potencial para exercer outra profissão. Quanto ao futuro, afirma que pretende dedicar-se apenas à psicologia e fazer um curso de pós-graduação.



Fábio em ação na barbearia: alguns clientes querem mesmo é falar de psicologia

Izildinha Campos



Estudantes de jornalismo acompanham palestra. Na foto menor, Vera e Márcia

Encontro com o sindicato

O curso de Jornalismo do UNIFAE recebeu duas dirigentes do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, no final de março. Márcia Quintanilha e Vera Longuini, da regional de Campinas, esclareceram dúvidas dos futuros profissionais. Regularização da profissão, estágio supervisionado, a criação do Conselho Federal dos Jornalistas e mercado de trabalho foram alguns dos temas discutidos. Foi a primeira vez que representantes do sindicato estiveram na faculdade. Alunos de todas as séries do curso acompanharam o debate.

(João Araújo)

Museu de São João reúne antiguidades e obras de arte

Utensílios, móveis de época e esculturas chamam atenção pela beleza e valor histórico

Carolina Aguiar

lola84@ig.com.br

Armas da revolução de 1932, coleção de ovos, moedas antigas, palmatória para bater nas mãos dos alunos. Tudo isso e muito mais pode ser encontrado no Museu Histórico e Pedagógico Dr. Armando Salles de Oliveira, localizado na praça governador Armando Salles, em São João da Boa Vista.

O museu foi construído por Joaquim José de Oliveira Filho e inaugurado em 1970. Maria Inês da Silva Oliveira, mais conhecida como Dona Tita, foi quem herdou a casa, conservando-a com todos os móveis e pertences da época de seus pais.

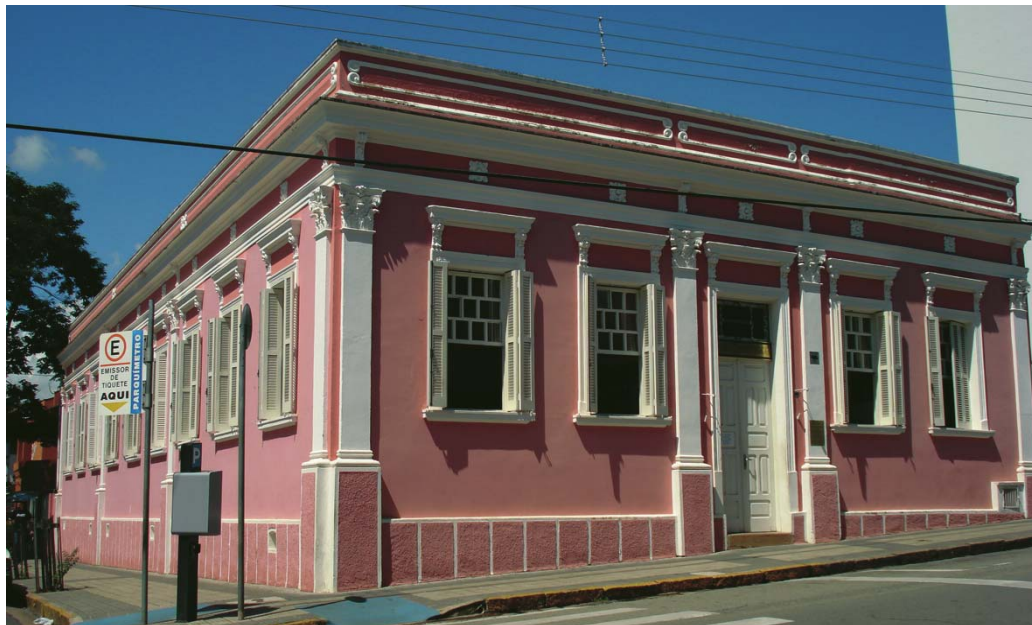
De acordo com informações do site da Prefeitura de São João, Dona Tita adorava colecionar objetos antigos e em suas viagens à Europa, Ásia e pelo Brasil afora, comprava tudo aquilo que julgava interessante, como porcelanas, cristais, roupas típicas e leques, entre outros objetos. E assim o museu foi criado, quando ela doou, por testamento, o prédio mobiliado e toda a sua coleção à Prefeitura de São João.

Segundo o arquiteto e historiador Antônio Carlos Rodrigues Lorette, curador do museu, o local ficou fechado desde 2003 e foi reaberto no ano passado, no dia 24 de junho, data do aniversário da cidade. "É impressionante o número de visitantes que têm frequentado o museu. Foi muito bom abriremos também aos sábados, por causa dos turistas que vêm nos finais de semana", declarou Lorette.

Segurança

Como curador do museu, o arquiteto têm entre suas tarefas a manutenção e identificação das peças. Ele também se preocupa em observar a reação do público e organiza exposições semestrais, que são sempre temáticas. A última foi sobre o carnaval em São João da Boa Vista e a próxima será sobre a história de São João.

Uma das grandes preocupações dos funcionários que trabalham no museu é como conservar o acervo ali guardado. De acordo com Lorette, o prédio já foi restaurado, porém ainda persiste a ameaça de cupins. Os funcionários procuram combatê-los com a limpeza correta das peças.



Fachada do museu, que foi reinaugurado ano passado e tem atraído muitos visitantes

A segurança também é um fator importante. Há alarme e em todas as salas do imóvel estão instalados sensores.

Além dos bens de Dona Tita, o museu conta com as peças de gesso do escultor Fernando Furlanetto, e também com o acervo de José Telles Guimarães, professor de piano e

coleccionador que morou durante muito tempo na capital e resolveu doar sua coleção (cerca de 1.500 peças) para o museu. Há também a "Farmácia do Alfredinho", uma ala que está em fase de acabamento e que segundo Ilda Silvestre, funcionária do museu há três meses, deve ficar pronta ainda este mês. Alfredinho foi um farmacêutico de São João muito conceituado. Sua farmácia é do final do século XIX.

O Museu Histórico e Pedagógico funciona de quarta à sexta-feira, das 9 às 18 horas, e aos sábados, das 14 às 18 horas. Durante a semana não fecha na hora do almoço.



Sala Dona Tita, com louças e esculturas que compõem o rico acervo doado à prefeitura da cidade



Fotos: Carolina Aguiar

A guardiã dos mortos

Nayara Vasconcelos



Maria no Cemitério da Saudade: 69 anos de vida ao lado de 32 mil mortos

Nayara Vasconcelos

nayvasconcelos@yahoo.com

Nascida à meia-noite do dia 4 de fevereiro de 1939, uma quarta-feira de cinzas, Maria Aparecida dos Santos é a mais célebre moradora da pequena cidade de Machado, a cerca de 80 quilômetros de Poços de Caldas. Conhecida como Maria do Cemitério, ela reside há quase 70 anos no Cemitério da Saudade. Filha de um coveiro, foi levada para a necrópole sete horas após vir ao mundo e, desde então, lá permanece.

A rotina nos serviços funerários começou precocemente: aos cinco anos, Maria resolveu ajudar o pai na remoção dos ossos do extinto cemitério para a nova sede. “Aprendi a fazer sepultamento aos cinco, autópsia aos nove e serviço de pedreiro aos 12”, conta. Embora atualmente necessite de ajudantes para serviços pesados, é responsável pelos cemitérios de Machado, Douradinho e Roque do Centro, e garante: “Dou conta de todos!”.

De descendência alemã e cigana, Maria tem a rotina cercada de misticismo, que inclui respeitar as sextas-feiras, 13, até pintar a antiga casa de roxo e preto, em decorrência de um sonho. Na parede do minúsculo apartamento construído no cemitério, vê-se uma coleção diferente, com inúmeros pássaros mortos, que ela própria embalsamou. Na estante, é notória a presença de bibelôs bizarros, como bruxinhas e caveirinhas, além de imagens de santos. Porém, o que mais chama atenção na personagem é o visual composto por saias longas e coloridas,

blusas idem, exóticas bijuterias e um clássico batom vermelho que complementa a maquiagem.

A aposentada Zulma de Oliveira Vieira conta que sua amiga de infância “sempre foi assim”, e que o figurino e hábitos não visam chamar atenção. Indagada a respeito de suas crenças e hábitos religiosos, a “cigana do cemitério” afirma: “Eu não sou de nenhuma igreja. Rezo aqui. Tenho muita fé nos mortos, acredito em Deus, em Jesus Cristo, Nossa Senhora...”.

Maria também interpreta sonhos, faz leitura das mãos e de baralho cigano, além de simpatias, benzeduras e aconselhamento espiritual. “Tenho esse dom desde menina. Aos sete anos, estava brincando de casinha e cantando, quando vi uma mulher vestida de vermelho. Ela falou que eu iria olhar a sorte, benzer, realizar diversos trabalhos e não cobrar *pataco*. Não entendi nada, então meu pai explicou que a mulher quis dizer para eu ajudar as pessoas e não receber dinheiro por isso”.

‘Larga mão disso, mãe!’

Maria casou-se duas vezes e teve 18 filhos, oito biológicos e 10 adotivos, e 23 netos. Entre os vivos (10 já faleceram), nenhum quer dar continuidade ao ofício da coveira. A impressão que ela tem é que os filhos ainda não se acostumaram com seu trabalho.

“Pelos anos que estou aqui e pelo tipo de trabalho que faço, alguns falam: ‘Larga mão disso, mãe! Vai fazer outra coisa!’”. Rosângela Freitas Santos, 41 anos, fruto do segundo casamento, com Olinto Andrade, admite que quando era mais nova falava em ser “a segunda Maria do Cemitério”.

Hoje, porém, não tem vontade de seguir os passos da mãe.

A escritora Clariselma Carneiro, autora da biografia *Maria é assim...*, relata que presenciou muitas pessoas procurando “Sá Maria” para conversar e receber apoio. “Dona Maria escuta com paciência a todos. Aconselha-os, dá a eles ânimo e coragem. É comum ver essas pessoas pedindo orações para o filho arrumar emprego, fazer bom casamento, para o marido deixar de beber. Pedem oração até para facilitar o encontro de objetos perdidos”.

Maria já tem tudo preparado para o dia de sua morte. Túmulo, caixão, roupa e até busto de bronze estão garantidos. A cova, aberta ao lado de pequeno apartamento na entrada do Cemitério da Saudade, é proposital. “Eu coloquei lá porque minha história de dormir aqui dentro ninguém conhece. É daqui que vigio os mortos e é daqui que quero continuar vigiando”. O caixão foi um presente dos donos de uma funerária da cidade. O vestuário preto é um de seus preferidos. O busto é homenagem de uma marmoraria de São Sebastião do Paraíso.

Depois de passar a vida ao lado de aproximadamente 32 mil mortos, a curiosa moradora de Machado diz como deve ser seu funeral: “Tudo está pronto. Homem não vai me trocar, quero mulher. Quero esmalte, batom, música! Quero ser sepultada sozinha. Eu vivi uma vida só nesse canto com os mortos. Quero uma vida leve depois de morta. Vou partir, não sei para onde, mas de vez em quando darei uns gritos por aqui!”, resume, entre risos.